

SOBRE O SOFRIMENTO E A DORORIDADE: UMA ABORDAGEM COMPARATIVA DOS CONCEITOS EM BATAILLE E PIEDADE

*About sufferind and dorority: a comparative approach of the concepts in
Bataille and Piedade*

Julia Ourique¹

RESUMO

O estudo das complexidades humanas tem sido uma busca constante ao longo da história, abordando temas como a experiência do sofrimento e as dinâmicas relacionais entre os indivíduos. Nesse contexto, dois pensadores se destacam por suas contribuições significativas: Georges Bataille, filósofo e escritor francês, e Vilma Piedade, filósofa brasileira. Ambos exploraram o conceito de sofrimento em suas obras, mas com abordagens distintas. Enquanto Bataille enfatiza a dimensão existencial do sofrimento, Piedade desenvolve o conceito de Dororidade para compreender as relações de dor e solidariedade entre as mulheres negras. Neste artigo, exploramos essas perspectivas, destacando as semelhanças e diferenças entre os dois conceitos e sua relevância para a compreensão da condição humana.

Palavras-chave: Sofrimento; dororidade; Georges Bataille; Vilma Piedade; análise comparativa.

ABSTRACT

The study of human complexities has been a constant pursuit throughout history, addressing topics such as the experience of suffering and the relational dynamics between individuals. In this context, two thinkers stand out for their significant contributions: Georges Bataille, a French philosopher and writer, and Vilma Piedade, a Brazilian philosopher. Both explored the concept of suffering in their works, but with different approaches. While Bataille emphasizes the existential dimension of suffering, Piedade develops the concept of Dorority to understand the relationships of pain and solidarity between black women. In this essay, the author explores these perspectives, highlighting the similarities and differences between the two concepts and their relevance to understanding the human condition.

Keywords: Suffering; dorority; Georges Bataille; Vilma Piedade; comparative analysis.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Estácio de Sá (UNESA). <https://orcid.org/0000-0002-0308-3126>. Doutoranda em Comunicação com bolsa Capes e professora de Jornalismo, com bolsa do Programa Pesquisa Produtividade da UNESA. juliaourique3@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O sofrimento é inerente à experiência humana. Ao longo da história, a humanidade tem enfrentado diversos tipos de sofrimento em suas vidas, desde dores físicas até angústias existenciais. Reconhecer essa realidade é fundamental para explorar a complexidade das emoções humanas e entender como o sofrimento pode moldar nossas vidas e relacionamentos. Enquanto o tema do sofrimento tem sido abordado por diversos filósofos e teóricos ao longo do tempo, dois pensadores contemporâneos, Georges Bataille e Vilma Piedade, oferecem perspectivas únicas e complementares sobre o assunto. Bataille enfatiza a dimensão existencial do sofrimento, explorando seu papel na experiência individual e coletiva. Por sua vez, Piedade desenvolve o conceito de Dororidade como uma forma de compreender as relações de dor e solidariedade entre as mulheres negras. Embora pareça incomum a escolha de comparar os dois autores neste ensaio, é importante ressaltar de antemão que observamos que ambos oferecem aos seus leitores versões *generificadas* do sofrimento. Bataille, um homem branco europeu, utiliza as guerras como exemplo do sofrimento humano, uma experiência masculinizada, que enxerga o sacrifício pela pátria como uma dor necessária. Já Piedade é uma mulher negra brasileira que escreve para outras mulheres negras para falar sobre um tipo de dor tão profunda e enraizada na vivência destas mulheres que ganha o nome de Dororidade, a solidariedade por meio da dor. É a perda dos filhos pretos porque são alvos ambulantes para a força violenta do Estado; é enfrentar a dor do parto sem anestesia porque acredita-se que mulheres negras são mais resistentes à dor. O homem busca o sofrimento a fim de provar algo para alguém. A mulher negra nasce com a dor, sobrevive com a dor e compartilha essa dor com outras mulheres negras.

Georges Bataille, filósofo e escritor francês do século XX, investigou a natureza do sofrimento humano em suas obras. Ele argumentava que o sofrimento não pode ser evitado ou eliminado completamente da existência humana. Pelo contrário, o sofrimento é uma parte intrínseca da condição humana, uma manifestação inevitável da nossa finitude e das contradições internas que enfrentamos. Para Bataille, o sofrimento é uma força poderosa que transcende as noções convencionais de racionalidade e moralidade, desafiando-nos a confrontar nossas próprias limitações e explorar as profundezas do ser humano. A morte, longe de algo que deve desejar distância, é algo que abre ou fecha as portas do possível, das oportunidades.

Compreender o motivo pelo qual estamos aqui, aprender a lidar com a existência, equilibrar necessidades e desejos são elementos difíceis e a incerteza do futuro se tornam

fatores geradores de sofrimento. Para Bataille, é justamente essa dúvida do que pode vir, estar em frente ao impossível, o causador de sofrimento (Bataille, 1973, p. 41). Em busca de responder questões sobre como se dá a existência humana, seja a partir do sofrimento, da violência ou do erotismo, o autor elabora o conceito de núcleo, social ou sagrado, que inspirado pela divisão celular, é capaz de nos mostrar quem realmente somos – e consequentemente provocando o horror, o sofrimento. É com este conceito de núcleo que Bataille investiga como uma sociedade é construída de diversos núcleos constituídos por elementos diferentes entre si, ainda que operando de forma combinada. Estes elementos, estes corpos estranhos, embora heterogêneos, circulam entre a noção de morte e sexualidade. O autor (1973, p. 100) chega a comparar esta relação com uma pirâmide, em que o cume incessantemente relembra a insignificância de quem está na base, enquanto os seres localizados nesta base acreditam que o cume não sobrevive sem eles. O sofrimento vem, portanto, deste embate entre estes lados heterogêneos, mas que são forçados a trabalhar juntos: vida e morte, opressão e erotismo. O conceito de núcleo social (ou sagrado) e o conceito de interação humana são importantes para compreender o olhar de Bataille para o tecido social, que é constituído de diversos núcleos sociais e sagrados. Cada um deles traz consigo elementos diferenciados, estranhos, corpos dissonantes que giram em torno de dois temas recorrentes: morte e sexualidade. Dentro dessas duas concepções, destes dois mundos, se encontra o sexo, o sacrifício humano, os excrementos, todos eles partem da rejeição. E como elementos da rejeição, se tornam intocáveis, sagrados: não há atração sem repulsão.

Por outro lado, Vilma Piedade, Mulher Preta, Feminista, de Axé e da área de Letras... Que estudou Filosofia e não se declara filósofa (Piedade, 2019, p. 9), concentra-se na dimensão da dor e da solidariedade entre mulheres negras. Ela desenvolveu o conceito de Dororidade, um termo que combina "dor" e "sororidade" (solidariedade entre mulheres), para explorar as formas como as mulheres negras compartilham experiências de sofrimento e como essa conexão pode ser uma fonte de força e transformação. Piedade argumenta que a Dororidade é uma forma de solidariedade baseada na empatia e na compreensão mútua das lutas e desafios que as mulheres negras enfrentam em uma sociedade patriarcal. Ela destaca a importância de reconhecer e valorizar a experiência do sofrimento feminino, bem como de construir redes de apoio e resistência para enfrentar essas adversidades coletivamente. O conceito trabalhado neste artigo, fruto do seu livro Dororidade (2019) surge da vontade de explicar estes momentos tensionados, controversos, que acompanham a vida das mulheres negras, que as une como indivíduos, mas que não era reconhecido como conceito. Embora

seja fácil comparar a conexão formada pela dor das mulheres pretas com a sororidade, conceito feminista que fala sobre a união das mulheres [brancas] por meio das suas experiências pessoais, o que Piedade buscava ainda não tinha nome. Enxergando o preconceito linguístico, racial e de gênero presente na filosofia, Piedade parte do ponto de vista como mulher preta para entender este feminismo branco que pede a união de todas as mulheres, enquanto pratica o epistemicídio (Carneiro, 2023) das produções afrocentradas na academia. O sofrimento na obra de Piedade ultrapassa a questão filosófica e se baseia em dados práticos: mulheres pretas são as que mais morrem no Brasil. O sofrimento advindo do machismo racista classista impõe às mulheres negras o estupro e o abuso social como questões naturais, fruto do imaginário de que estas são “mais gostosas, quentes, sensuais e lascivas” (Piedade, 2019, p. 11).

Ao explorar as perspectivas de Bataille e Piedade sobre o sofrimento, podemos ampliar nosso entendimento sobre essa realidade inerente à experiência humana. Esses pensadores nos convidam a refletir sobre como o sofrimento molda nossas vidas, como ele pode ser transformador e como podemos encontrar formas de solidariedade e conexão através da dor. Compreender essas ideias nos desafia a explorar nossa própria relação com o sofrimento e a buscar caminhos para uma existência mais plena e significativa.

2. CONTEXTUALIZANDO O CONCEITO DE SOFRIMENTO EM BATAILLE

Bataille foi um filósofo, escritor e crítico literário francês que viveu no século XX e seus escritos inspiraram autores como Lacan e Maffesoli. Sua contribuição para a área da sociologia foi a introdução do conceito de fenomenologia batailleana, em que o autor busca entender o fato social a partir de sua imediatidade, totalidade e essência, compreendendo a experiência vivida e a implicação subjetiva do indivíduo, diferenciando-se da sociologia convencional, que se preocupa em entender o objeto social de forma objetiva e distanciada. O tema do sofrimento aparece como um dos temas dos livros *O Erotismo* (Bataille, 1987), em que ele propõe uma visão paradoxal do sofrimento, relacionando-o à experiência do êxtase e à busca de uma transcendência individual. O autor argumenta que a busca pelo prazer se confunde com a dor e o sofrimento, desta forma, o erotismo se torna um domínio em que os limites entre o indivíduo e o outro se dissolvem, e o sofrimento acaba por desempenhar um papel central nesse processo.

A paixão pode ter um sentido mais violento que o desejo dos corpos. Nunca devemos esquecer que, apesar das promessas de felicidade que a acompanham, ela

introduz inicialmente a confusão e a desordem. A paixão venturosa acarreta uma desordem tão violenta que a felicidade em questão, antes de ser uma felicidade cujo gozo é possível, é tão grande que é comparável ao seu oposto, o sofrimento (...). Uma felicidade tranquila, onde o sentimento de segurança predomina, só tem sentido se encontrar a calma para longo sofrimento que a precedeu. (...) As chances de sofrer são tão grandes que só o sofrimento revela a inteira significação do ser amado. A posse do ser amado não significa a morte; ao contrário, a sua busca implica a morte. (Bataille, 1987, p. 38).

Neste contexto, Bataille considera o sofrimento como uma força que desafia a ordem estabelecida e rompe com as convenções sociais. A questão persiste no ensaio crítico *A Literatura e o Mal* (Bataille, 2015), em que o autor explora a questão do mal na literatura, argumentando que a experiência do mal possui ligação com o sofrimento. Segundo ele, a literatura tem a capacidade de explorar e confrontar o mal de maneiras que outras formas de arte não conseguem e utiliza de obras de Proust, Sade, Baudelaire, Brontë, entre outros, para embasar seus argumentos. A partir destes autores, Bataille analisa os elementos de violência, erotismo, morte e loucura presentes nesses textos, destacando como eles exploram os limites da experiência humana e desafiam as convenções morais e sociais. Embora apareça de forma indireta na obra, por meio da exploração do mal, da transgressão e dos limites da experiência humana, ele pode ser entendido como uma ferramenta para transcender os limites do conhecido e adentrar no reino do desconhecido.

O Mal parece apreensível, mas é na medida em que o Bem é sua chave. Se a intensidade luminosa do Bem não conferisse sua escuridão à noite do Mal, o Mal não teria mais seu atrativo. Essa verdade é difícil. Alguma coisa de indigna naquele que a percebe. Sabemos, no entanto, que aquilo que mais atinge a sensibilidade decorre de contrastes. (...) Sem o preto, o rosa teria o valor que atinge a sensibilidade? Sem a infelicidade a ela ligada como a sombra à luz, uma pronta indiferença responderia à felicidade. Isso é tão verdade que os romances descrevem indefinidamente o sofrimento, quase nunca a satisfação. No fim das contas, a virtude da felicidade é feita de sua raridade (Bataille, 2015, p. 137).

Indo das emoções para uma crítica multidisciplinar da economia, em *A Parte Maldita* (Bataille, 2014), é abordado o conceito de excesso e gasto, argumentando que a sociedade moderna é baseada em uma lógica de utilidade e produção, onde o excedente é reprimido e controlado, causando frustração. No entanto, o sofrimento e o sacrifício desempenham um papel fundamental na liberação desse excesso, como afirmado por ele em relação ao caráter religioso das guerras para os astecas, que embora fossem acompanhados de dores e lágrimas – derramadas pelas mulheres sacrificadas – significavam a força da vitória e da proteção para os guerreiros e para as comunidades astecas (Bataille, 2014, p. 60-66). Bataille vê o sofrimento como resultado de escolhas que não foram feitas, um resultado do excesso, uma expressão da energia excedente e transgressiva, uma parte maldita das relações.

O desconhecimento em nada altera a saída última. Podemos ignorá-la, esquecê-la: o solo em que vivemos, seja como for, é apenas um campo de destruições multiplicadas. Nossa ignorância tem somente esse efeito incontestável: leva-nos a sofrer o que, caso soubéssemos, poderíamos operar ao nosso modo. Priva-nos da escolha de uma exsudação que poderia nos satisfazer. Sobretudo, entrega os homens e suas obras a destruições catastróficas. Pois, se não temos força para destruir a energia em acréscimo, ela não pode ser utilizada; e, como um animal intato que não se pode domar, é ela que nos destrói, somos nós mesmos que arcamos com os custos da explosão inevitável (Bataille, 2014, p. 44).

Em seus escritos, Bataille explora o papel do sofrimento na religião, no erotismo e na arte, enfatizando a importância de liberar impulsos e emoções reprimidas como forma de transcender os limites da existência cotidiana. Para o autor, o sofrimento também se conecta à noção de sacrifício, que é encarado como uma expressão extrema do desejo humano de se conectar com algo maior, uma forma de liberar a energia que está contida em nós. O sofrimento, então, torna-se uma via para a comunicação com o divino ou o ser desconhecido. Ao examinarmos a questão do sofrimento em Bataille, vale ressaltar que as suas ideias são complexas e muitas vezes ambíguas, desafiando as noções convencionais de moralidade e racionalidade. O conceito de sofrimento está profundamente ligado à busca de uma experiência humana transcendente, que une o confronto com o excesso e impulsiona a transgressão de normas sociais e morais. Muito além do que encaramos como raiz do sofrimento, às vezes dentro de uma visão religiosa que culpabiliza o ser pelas suas escolhas, Bataille enxerga o sofrimento como uma força que desafia a ordem estabelecida e abre caminho para uma abordagem ampla sobre a condição humana, o desejo e a busca por uma experiência profunda e autêntica.

O outro é portador de uma diferença não explicável, a obsessão de Bataille é a intimidade perdida. No início dos tempos, das comunidades, o tecido social era regido pela relação entre humanidade e natureza, porque não havíamos refletido nossa própria aparência no espelho e assim a individualidade não tinha sido criada. É com a criação deste ser diferente de tudo e de todos que perdemos a nossa conexão, a nossa intimidade, nos tornamos agregados a partir dessa descontinuidade pertencente a todos. Assim, estão interligadas à consciência do mundo, de deus e de si mesmo. A partir da consciência de si a humanidade ficou de fora do chamado universo natural. Este novo mundo da humanidade é artificial porque é tornado humano, humanizado. A natureza (os pets, por exemplo) se tornou humanizada e, por sua vez, artificial, modificada.

Estar em frente ao impossível, ao que nos causa angústia somente pelo simples fato de não ter solução, é a o mesmo tempo uma experiência do divino e um suplício. Nestes

momentos, recorrer à nossa própria vontade também evoca o sentimento de sujeira, de que algo errado está acontecendo. A dúvida, a incerteza, a falta de certeza é uma contradição que perturba e agrada, que engrandece e apequena quem somos: “sinto-me podre, tudo o que toco está podre” (Bataille, 1973, p. 41, tradução nossa). A impotência de fazer, de ser, de saber é o que nos leva à loucura, ao suplício da mente. O intolerável, para Bataille, é não ser mais do que apenas homem e este reconhecimento provoca sentimentos de sufocamento, de uma exagerada ignorância. E como sair deste estado de lamúria? Ainda que o sofrimento se transforme em delícia, segundo o autor, continua sendo um sofrimento, pois não existe felicidade e nem esperança capazes de recompor o que já foi eliminado pela tristeza. Os tormentos para um homem cisgênero comum parecem ser os mesmos em 1943 (ano em que a obra foi escrita) e em 2023: mulheres, dinheiro e a incapacidade de lidar com os problemas de sua própria vida. Para Bataille, é preciso se entregar e reconhecer a angústia como parte da existência, a fim de evitar uma vida superficial, bruta e vazia. Evocando a figura cristã, Bataille expressa uma angústia persistente em relação ao significado da iluminação. Questiona se a intensidade da luz, mesmo a ponto de cegar e queimar interiormente, faz alguma diferença. Enquanto enfatiza a condição humana, destaca a sufocante ignorância de ser apenas humano. Aponta para a transformação da angústia em deleite como uma arte, mas ressalta que, mesmo assim, permanece a angústia, que pode ser dolorosa e desestabilizadora. É a partir da incapacidade de aprender a angústia que o autor critica a tentativa de escapar dela [a angústia] por meio de superficialidades. Até mesmo por sua conexão com o cristianismo, que embora tenha durado pouco tempo marcou a sua obra, Bataille argumenta que, ao contrário de Deus, o ser humano se destrói na infinita possibilidade dos semelhantes, perdendo o sentido do "eu" diante da multiplicidade de opções. Em uma ligação entre a crença cristã e o sofrimento, o autor reflete sobre o absurdo de acrescentar a Deus a repetição ilimitada dos possíveis e o sofrimento do ser humano, comparando a humanidade a um rebanho que foge incessantemente de um pastor infinito, que representa o horror.

3. INTRODUÇÃO AO CONCEITO DE DORORIDADE EM VILMA PIEDADE

No cenário contemporâneo, a luta pela igualdade de gênero tem impulsionado o surgimento de novos conceitos e abordagens que buscam desconstruir estereótipos e promover a sororidade entre mulheres. Um desses conceitos, emergindo como um poderoso instrumento de transformação social, é a Dororidade. A palavra, cunhada por Vilma Piedade,

professora e filósofa feminista brasileira, combina as palavras "dor" e "sororidade", criando uma perspectiva que reivindica a importância de compartilhar e acolher as experiências dolorosas das mulheres pretas como uma forma de fortalecimento coletivo. O termo aparece pela primeira vez em 2017, em um blog chamado *Agora é que São Elas* e no *Blog da Partida*, com o título “Dororidade – O que é ou o que pretende Ser” (Piedade, 2017, p. 42). O conceito surge de estatísticas trágicas vividas pelas mulheres pretas brasileiras, que são as principais vítimas de agressões e homicídios, e segundo o Atlas da Violência (Cerqueira; Bueno, 2023), em 2019, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras, que também correm o risco relativo de serem vítimas de homicídio de 1,7 vezes maior do que uma mulher não negra. De acordo com o Atlas, isso significa que para cada mulher não negra morta, morrem quase duas mulheres negras.

Se o Feminicídio de forma geral avança, as Pretas são as que mais morrem. Isto é fato. (...) Diante das trágicas estatísticas, dessa Dororidade histórica, precisamos praticar cada vez mais a Sororidade. Fortalece a todas nós. Mulheres. Pretas. Brancas. Dororidade trata no seu texto, subtexto, das violências que nos atingem a cada minuto. (Piedade, 2017, p. 11).

A Dororidade se baseia na ideia de que as mulheres negras são unidas por uma teia invisível de experiências traumáticas, desigualdades estruturais e opressões de gênero que permeiam suas vidas. Para evocar a ideia de dor que remete à vivência das mulheres pretas, Piedade relembra o mito escravista de que mulheres e homens negros eram mais resistentes à dor (Piedade, 2017, p. 15), que será reproduzido mais tarde na ideia de que mulheres devem parir com dor, fruto da tradição judaico-cristã, que “talvez antecipasse o sofrer das mulheres jovens negras ao utilizarem os serviços do SUS para o parto normal. Pois, segundo dados da Organização Mundial da Saúde, mulheres e jovens negras recebem menos anestésico local ao parir” (Piedade, 2017, p. 21). Ao reconhecer e validar essas dores, a Dororidade busca criar uma rede de apoio e empatia entre mulheres negras, desafiando a competitividade e a rivalidade que muitas vezes permeiam suas relações.

O conceito de Sororidade já dá conta de Nós, Jovens e Mulheres Pretas... ou não? O caminho que percorro nessa construção conceitual me leva a entender que um conceito parece precisar do outro. Um contém o outro. Assim como o barulho contém o silêncio. Dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta. (...) Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravamento nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados... (Piedade, 2017, p. 13).

A partir da ideia de abolição inconclusa, Piedade alega que a sujeição da mulher negra não terminou com a promulgação da abolição da escravidão em 1888 e continua até hoje, seja pelo racismo que surge a partir de uma opressão estética (incentivo ao alisamento, às cirurgias estéticas, aos filtros embranquecedores em redes sociais) ou pelo próprio feminicídio. O racismo é estabelecido de imediato como um problema da branquitude, que não basta apenas incomodar-se com o racismo praticados pela sociedade, é preciso, como nas Rodas de Xirê, prática do Candomblé, um sobe e puxa o outro, a partir de uma ideia de união, em que todas somos uma, a tal da sororidade. A interseccionalidade conceito que aparece na produção de Lélia Gonzalez ²(2020) e de Kimberlé Crenshaw ³(1989), e que marca o feminismo da terceira onda ainda não nos permitiu resolver como: por que mais mulheres pretas morrem? Por que estão mais expostas a subempregos? Por que recebem um salário menor para executar a mesma tarefa de funcionários brancos?

Para compreender o poder feminino a partir de uma perspectiva descolonizada, Piedade se aproxima das tradições e mitos dos povos africanos, em especial a trajetória mítica da iabá, também conhecida como Iansã ou Oiá. É importante ressaltar que quando a autora fala de tradição, não é uma articulação com a colonização europeia – que também passou por solo africano – e sim, o que foi conservado *apesar* dos colonizadores. Para alcançar o ponto que se deseja em sua investigação, Piedade recorre à História do tráfico negreiro no Brasil, indicando que as três tradições que constituem as matrizes africanas trazem em comum a ideia do acolhimento, de que a palavra é o princípio quase mágico que aglutina (Piedade, 2019, p. 20). Enquanto a tradição iorubá busca a união, a representação social que surge do cristianismo trazido pelos colonizadores é separatista: mulheres apêndice são criadas a partir da costela do Adão, propriedades dissonantes que levaram o destino da humanidade à desgraça ao obrigar Adão a morder uma maçã.

Ainda em termos bíblicos, quando foi escrito que Eva teria dor ao parir – justamente pela história da maçã – ela condenou as mulheres negras ao sentir dor no parto. De acordo com pesquisa realizada entre 2002 e 2012, as mulheres pretas recebem menos anestesia local

² Para Gonzalez (2020, p. 129) analisar a situação da mulher latino-americana e não incluir a questão racial era um silenciamento que prejudicava a discussão, caindo em um “racionalismo universal”. Sua produção embora seja pioneira ao discutir raça e classe social, ainda não utilizava o termo interseccional, mas hoje já é considerada uma influência do trabalho de outras feministas interseccionais.

³ Já Crenshaw (1989) argumenta que as mulheres negras são excluídas da teoria feminista e que o problema do racismo não será resolvido simplesmente ao incluir estas mulheres - é preciso mudar a estrutura. A interseccionalidade, segundo a autora, é capaz de incluir as discussões sobre racismo e machismo, entre outras. Qualquer análise que não utilize a interseccionalidade é incapaz de compreender a subordinação da mulher negra.

quando sofrem episiotomia – prática considerada ultrapassada pela OMS. As mulheres pretas também possuem um maior risco de terem um pré-natal inadequado, ausência de acompanhante e peregrinação para o parto (Leal *et al*, 2017, p. 5). Ou seja, além de serem mutiladas, elas não são informadas de como cuidar melhor de seus filhos, são negadas ao direito de ter consigo um acompanhante no quarto (embora a lei permite desde 2005) e ainda sofrem as dores do parto enquanto procuram por um hospital que as aceite. O artigo ressalta que, embora a menor taxa de uso de sedativos locais possa ser observada como um cuidado maior com as puérperas, de acordo com as evidências apresentadas pelo Ministério da Saúde, na verdade os médicos encaram o uso de ocitocina, a episiotomia e a cesariana como “bom cuidado” (Leal *et al*, 2017, p. 10).

Essa prática escancara o resultado do racismo no Brasil, que impede a aplicação de analgésicos a uma população que, inclusive, é a que mais utiliza o sistema público de saúde, como também aponta a pesquisa. O corpo feminino é desprovido de poder, mesmo quando é capaz de gerar uma outra vida, e no caso das mulheres negras, a objetificação alcança patamares assustadores quando nem ao menos a sua dor é reconhecida. Por isso, a busca pelo resgate das religiões de matrizes africanas, é nelas que o poder também assume a figura da mulher, a representação social não fica restrita ao Pai, Filho e Espírito Santo: ela também é da Mãe, da Filha e de Iansã.

A representação social das mulheres negras não só é ligada ao mundano, mas também em sua religiosidade é perseguida da mesma forma: no Rio, Terreiros de Candomblé são atacados por representarem o mal em uma caça às bruxas e bruxas em pleno século XXI. Criado pela Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde e o Ilê Omolu Oxum, o relatório “Respeite o meu terreiro: pesquisa sobre o racismo religioso contra os povos tradicionais de religiões de matriz africana”, mostra que 48,23% dos terreiros entrevistados sofreram de 1 a 5 episódios de racismo religioso nos últimos dois anos (Iansã, 2022), enquanto de acordo com o Disque 100, canal para denúncias de violações de direitos humanos, registrou um aumento de 106% em denúncias de intolerância religiosa entre 2021 e 2022 (Bernardo, 2023). A maioria dos terreiros são liderados por mulheres negras, e em um país como o Brasil, com tão fortes heranças culturais da diáspora é preciso que o feminismo brasileiro também reconheça as práticas e performances da mulher negra e assim, fazer com que a interseccionalidade se torne vivência.

Adepta do feminismo dialógico interseccional, aquele que aposta no diálogo e na escuta, Vilma Piedade se coloca como uma autora que vai além da resistência e busca a

construção de um feminismo que traga também o princípio filosófico do Ubuntu: “Eu contendo o outro. Somos Um. Somos Uma. O famoso... pegou pra uma... pegou geral” (Piedade, 2017, p. 32). A autora, em sua obra seminal, destaca a importância de compartilhar histórias de dor e vulnerabilidade como uma estratégia de resistência coletiva. Ela argumenta que, ao criar espaços seguros para o compartilhamento dessas experiências dolorosas, as mulheres pretas podem se fortalecer mutuamente, desenvolver um senso de identidade coletiva e construir uma base sólida para a luta por igualdade e justiça. Ao compreender o conceito de Dororidade em Vilma Piedade, estaremos preparadas para explorar a profundidade e a relevância dessa abordagem para a promoção da igualdade de gênero em outros trabalhos. A Dororidade, como conceito e prática, oferece uma perspectiva poderosa que desafia paradigmas tradicionais e abre espaço para uma solidariedade renovada entre as mulheres negras, rumo a um futuro mais justo e inclusivo.

4. COMPARANDO OS CONCEITOS DE SOFRIMENTO EM BATAILLE E DORORIDADE DE PIEDADE

Embora Georges Bataille e Vilma Piedade entendam o tema do sofrimento em contextos diferentes, é possível fazer uma comparação entre a percepção conceitual entre os dois autores. Em Bataille, o sofrimento é explorado como uma força transgressiva e desafiadora que está além das convenções sociais e morais. Ele vê o sofrimento como parte da condição humana, uma energia excedente que não pode ser totalmente integrada ao sistema econômico e que busca expressão em rituais religiosos, arte e outras formas de transgressão. Bataille relaciona o sofrimento ao desejo, à busca pela experiência da totalidade e à tentativa de romper com os limites da existência cotidiana.

Já a Dororidade, conceito cunhado por Vilma Piedade, surge como uma forma de compreensão empática e solidária da dor e do sofrimento das mulheres negras. A Dororidade propõe um olhar sensível para as experiências dolorosas vividas pelas mulheres pretas e busca criar espaços de acolhimento, escuta e apoio mútuo. É uma perspectiva que valoriza a sororidade e a empatia como formas de enfrentar as opressões e transformar o sofrimento em uma força de resistência e empoderamento coletivo. Diferentemente de Bataille, que encarna em seus escritos uma visão dicotômica entre o bem e o mal, o sagrado e o profano (Joron, 2013, p. 283), a filósofa brasileira traz uma abordagem Iorubá em relação à dor, em que não há uma supremacia de uma sobre a outra, o pensamento é circular: “eu me reconheço no outro, eu sou porque o outro existe, eu sou porque você me reconhece – isso é *ubuntu* – nosso

princípio filosófico” (Piedade, 2017, p. 23). Ao pensar no diálogo como fator de inclusão social e combate ao sofrimento da mulher negra, Piedade busca também uma saída do mito da democracia racial enquanto caminhamos para uma democracia feminista: mais mulheres negras nos espaços de poder, com mulheres pretas discutindo essa ausência, essa Dororidade. Uma democracia feminista com o toque do tambor... com o girar das nossas saias, que inclua todas as mulheres (Piedade, 2017, p. 28). Para superar a dor inerente de se viver como mulher no Brasil, especialmente como mulher preta, é preciso continuar discutindo a branquitude, os privilégios; todo um léxico que relaciona faxina às mulheres pretas, em uma oposição linguística que, pensando em sinônimos ou antônimos, a autora identifica que no imaginário relacionamos branco com luz e preto com sujo. Por isso, é da responsabilidade da preta limpar a sujeira, mas ao fim do trabalho, a sensação de limpeza fica com o branco, o resultado do trabalho da mulher preta só ajuda a branquitude. A dor da mulher preta vem do racismo. É ele quem diariamente, desde a criação, repete e obriga as mulheres pretas a enfrentar este desafio de reafirmar que a escravidão acabou, seja para si mesmas (pois internalizam o racismo sofrido) e para todos ao seu redor, em todas as suas relações.

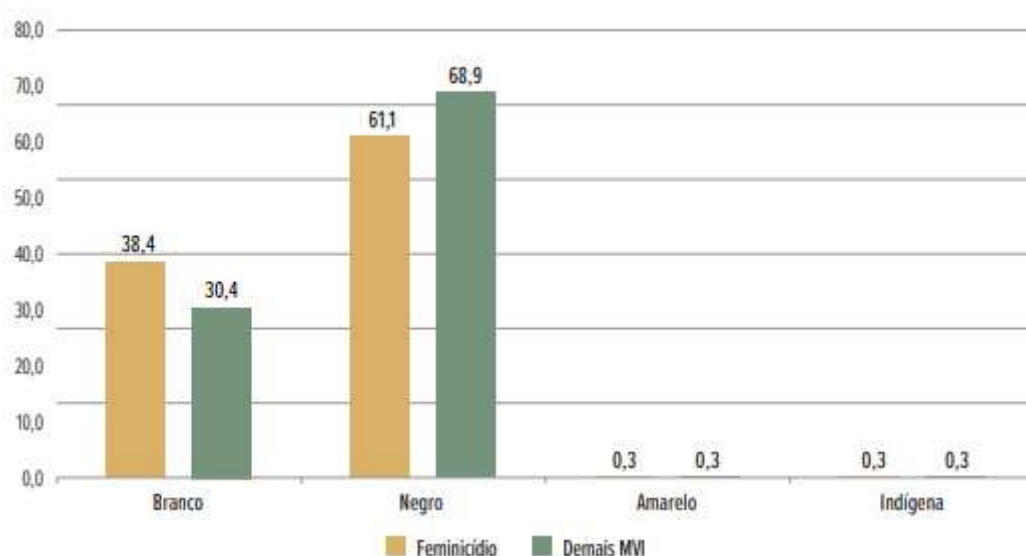
Bataille aborda o sofrimento como uma energia transgressiva e uma busca por transcendência individual (Joron, 2013, p. 274), a Dororidade de Vilma Piedade se concentra na conexão entre mulheres negras, na compreensão compartilhada de suas vivências dolorosas e na construção de laços solidários para enfrentar o sofrimento coletivamente. Ambas as perspectivas reconhecem a presença do sofrimento, mas abordam-no de maneiras distintas. Bataille busca explorar as dimensões obscuras e transgressivas do sofrimento, enquanto a Dororidade de Vilma Piedade enfatiza a importância de se conectar, acolher e apoiar umas às outras na experiência da dor e do sofrimento. Enquanto Bataille investiga o sofrimento como uma força que desafia normas e convenções, a Dororidade de Vilma Piedade busca criar laços de empatia e solidariedade entre mulheres negras para enfrentar e transformar o sofrimento em um caminho de fortalecimento coletivo.

Dentro de uma lógica feminista, as ideias de sofrimento em Bataille e de Dororidade, em Vilma Piedade podem fornecer perspectivas complementares para a compreensão da situação da mulher negra na sociedade. Bataille, ao explorar o sofrimento como uma energia transgressiva e uma busca por transcendência, levanta questões sobre as estruturas sociais e morais que restringem as mulheres. Ele destaca a existência de uma energia excedente que não pode ser plenamente integrada ao sistema econômico e que pode encontrar expressão por meio de rituais, arte e outras formas de transgressão. Isso sugere que as mulheres,

historicamente oprimidas e subjugadas, podem encontrar espaços de resistência e transformação ao explorar e desafiar essas limitações impostas pela sociedade. Por outro lado, a Dororidade proposta por Vilma Piedade enfatiza a importância da empatia, solidariedade e apoio mútuo entre as mulheres negras na experiência da dor e do sofrimento. Essa abordagem reconhece que as mulheres pretas enfrentam desafios e opressões específicas em suas vidas, e que a criação de laços de compreensão e acolhimento é fundamental para enfrentar e superar essas dificuldades.

A Dororidade propõe uma visão coletiva, em que as mulheres negras se apoiam mutuamente, compartilham suas experiências e buscam a transformação conjunta de suas realidades. O apoio mútuo faz ainda mais sentido ao nos depararmos com dados como o do feminicídio, que em 2022 cresceu 6,1%, com mortes de 1.437 mulheres apenas por serem mulheres. Além disso, a violência doméstica teve aumento de 2,9% e as ameaças cresceram 7,2%, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Bueno *et al*, 2023, p. 136), realizado desde 2017. Ao analisarmos a questão de raça nestes dados do relatório mais uma percepção de Piedade é tornada fato: mulheres negras são as que mais morrem (Figura 1), chegando a ter uma diferença de 30% em relação à quantidade de mulheres brancas, seja se tratando de feminicídio ou das demais mortes violentas intencionais (MVI). O racismo e o sofrimento causado por ele são tamanhos a ponto de desumanizar estas mulheres.

Figura 1: Percentual de raça/cor das vítimas de feminicídios e demais mortes violentas



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública (BUENO *et al*, 2023, p. 142)

Combinando essas perspectivas, podemos entender a situação da mulher na

sociedade como uma luta contra as estruturas patriarcais e opressivas. A mulher negra enfrenta uma série de desafios, discriminações e violências que geram sofrimento. No entanto, tanto a visão de Bataille quanto a Dororidade de Vilma Piedade destacam a importância da resistência, da solidariedade e da busca por espaços de transformação. Sendo assim, a mulher negra na sociedade é vista como alguém que lida com o sofrimento imposto pela opressão e que busca maneiras de se libertar dessas restrições. Através da transgressão, da busca por conexões empáticas e da construção de redes de apoio, às mulheres pretas buscam se fortalecer e se empoderar para enfrentar e superar as adversidades sociais e culturais. As ideias de sofrimento em Bataille e de Dororidade em Vilma Piedade ajudam a iluminar a complexidade da situação da mulher na sociedade, oferecendo perspectivas que enfatizam a resistência, a transformação coletiva e a solidariedade como elementos-chave para superar as opressões e construir uma sociedade mais igualitária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorar os conceitos de sofrimento em Bataille e Dororidade de Vilma Piedade, percebemos a riqueza e diversidade de abordagens sobre a experiência humana. Enquanto Bataille enfoca a dimensão existencial do sofrimento e sua relação com a busca de transcendência, Piedade destaca a importância da solidariedade entre as mulheres negras como forma de enfrentamento e transformação da dor. Essas perspectivas complementares nos convidam a refletir sobre a complexidade da condição humana e a necessidade de construir laços de empatia e compreensão em meio ao sofrimento. Ao dialogar com esses dois pensadores, somos instigados a repensar nossas concepções e a buscar novos caminhos para uma existência mais plena e significativa. A ignorância para Bataille é estar nu, é estar em êxtase e, também, em sofrimento. As dualidades capazes de preencher o suplício são formas de viver a experiência interior, que é lenta, contrária à ação, capaz de adiar a existência. Na Guerra, observa o autor, o horror é enfrentado por meio da ação, indo contra a experiência interior, de forma resignada aceitando o que aparece, deixando-se envolver, sem resistir. O que o filósofo francês não menciona em seus textos é que estas são experiências interiores masculinas, privilégios de quem pode escolher agir ou deixar-se levar pelas ações alheias. Ainda utilizando a Guerra como exemplo, o horror deste ambiente atinge as mulheres de formas diferentes: estupros, torturas, mortes são direcionadas à esta parcela da população, inclusive entendendo os filhos que nascem destes crimes como formas de conquistas territoriais. O corpo da mulher não é seu, pertence ao Estado, a angústia da mulher não é a

ignorância, o sofrimento é não ter nem ao menos a chance de escolher a nudez, o desconhecimento, estes são impostos há séculos.

A angústia, que precede o sofrimento e dele continua a fazer parte, ela surge a partir da vontade de querer ser tudo, de chegar aos extremos e, por não conseguir, perder seu sentido: querer comunicar e não conseguir. Desejos que não são contemplados. Ao explorar a relação entre angústia, o desejo de comunicação e o processo de conhecimento, Bataille compara a angústia ao desejo de se comunicar e, assim, perder-se em si mesmo. Desejar o conhecimento absoluto, possuir tudo, leva à perda de si, restando o nada, o sofrimento. Já Piedade, entende que as mulheres negras partem do nada: não participam das decisões políticas, não possuem o seu próprio corpo, não podem professar a sua fé. É a partir do nada, do sofrimento de Bataille, que as mulheres negras conseguem se reconstruir, enxergando nas outras a possibilidade de mudança que parte de si, do compartilhamento do conhecimento em busca da melhora da sociedade para todas, todos e todes.

Os ensinamentos de Bataille e Piedade nos lembram que o sofrimento é uma parte inescapável da condição humana e que sua compreensão pode nos levar a uma maior profundidade existencial e solidariedade. Enquanto Bataille nos desafia a explorar as camadas mais profundas de nossa experiência humana e encontrar significado mesmo nas adversidades, Piedade nos leva a reconhecer a importância da empatia e da conexão entre as mulheres negras como um caminho para a transformação e resistência. Neste ensaio busquei destacar a complementaridade entre suas perspectivas e como suas ideias podem nos inspirar a refletir sobre o sofrimento humano de maneiras mais amplas e inclusivas. Explorar o sofrimento existencial através das lentes de Bataille e a solidariedade feminina através do conceito de Dororidade proposto por Piedade nos convida a uma jornada de autoconhecimento, compreensão mútua e busca por conexões significativas em meio às dores e desafios da vida humana.

6. REFERÊNCIAS

Bataille, G. (1987). *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM.

Bataille, G. (2014). *A parte maldita – Precedida de “A noção de dispêndio”*. Belo Horizonte: Autêntica.

Bataille, G. (2015) *A literatura e o mal*. Belo Horizonte: Autêntica.

Bernardo, A. (2023). 'Liberdade religiosa ainda não é realidade': os duros relatos de ataques por intolerância religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: *BBC*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64393722>

Bueno, S. Martins, J. Lagreca, A. Sobral, I. Barros, B., e Brandão, J. (2023). O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (17), 136-145.

Carneiro, S. (2023). *Dispositivo de racialidade: a construção do Outro como não ser como fundamento do ser*. São Paulo: Zahar.

Cerqueira, D. Bueno, S. (2023). *Atlas da Violência 2023*. 41-52. <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*. Volume 1989 (Issue 1), 139-167. <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>

Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afrolatino*. São Paulo: Zahar.

Joron, P. (2013). A soberania do mal: Georges Bataille e a inocência culpada da literatura. *Intercom*, 36 (1), 271-287. <https://doi.org/10.1590/S1809-58442013000100014>

Iansã, M. (2022). Respeite o meu terreiro: pesquisa sobre o racismo religioso contra os povos tradicionais de religiões de matriz africana. Rio de Janeiro: *Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro*. <https://defensoria.rj.def.br/uploads/imagens/2e80ce9ffa1647a881eb7551f6846c0a.pdf>

Leal, M. Gama, S. Pereira, A. Pacheco, V. Carmo, C., e Santos, R. (2017) A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 33 (13), 1-17. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00078816>

Piedade, V. (2017) *Dororidade*. São Paulo: NOS.